

**RE**ENCONTRO  
literatura

**Robert Louis Stevenson**

# **O médico e o monstro**

**O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**

*Tradução e adaptação em português de*

**Edla Van Steen**

*Ilustrações de*

**Wanduir Duran e  
Sylvia Wanderley**



editora scipione

*Gerente editorial*  
Sâmia Rios

*Editora*  
M. Beatriz de Campos Elias

*Revisora*  
Gislene de Oliveira

*Programador visual de capa e miolo*  
Didier Dias de Moraes

*Diagramador*  
Fábio Cavalcante

*Ilustração de capa*  
Wanduir Duran

*Ilustração de miolo*  
Sylvia Wanderley



**editora scipione**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros – CEP 05425-902  
São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)  
e-mail: [atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

---

2018

ISBN 978-85-262-7755-7 – AL

CL: 737195

CAE: 249798

12.<sup>a</sup> EDIÇÃO

10.<sup>a</sup> impressão

*Impressão e acabamento*



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894.

O médico e o monstro: o estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde / Robert Louis Stevenson; adaptação em português de Edla Van Steen. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Steen, Edla Van.  
II. Título. III. Série.

97-1744

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

## SUMÁRIO

<i>Quem foi Stevenson?</i> . . . . .	5
1. A história da porta . . . . .	7
2. Procurando Mr. Hyde . . . . .	13
3. O Dr. Jekyll estava bem tranquilo . . . . .	20
4. O caso do assassinato de Carew. . . . .	23
5. O incidente da carta. . . . .	27
6. O extraordinário incidente do Dr. Lanyon . . . . .	32
7. Incidente à janela . . . . .	36
8. A última noite . . . . .	38
9. A narrativa do Dr. Lanyon. . . . .	50
10. Declaração completa de Henry Jekyll sobre o caso. . . . .	59
<i>Quem é Edla Van Steen?</i> . . . . .	76



## QUEM FOI STEVENSON?

**R**obert Louis Stevenson nasceu em Edimburgo, Escócia, em 1850, durante o reinado da rainha Vitória (1837-1901), época em que foi consolidado o triunfo da burguesia, depois das crises sociais da primeira metade do século XIX. Animada pela segunda Revolução Industrial e pela consequente expansão do império britânico, a ideologia vigente mascarava fortemente a realidade da exploração do homem pelo homem. Embora o progresso e a ciência fossem os *slogans* oficiais (importantes descobertas ocorreram nesse período, como a Teoria da Evolução, de Charles Darwin), a hipocrisia e a censura puritana caracterizaram esses tempos.

Inconformado com esse contexto, cresceu Stevenson, que era filho de um próspero engenheiro civil. Contrariando os desejos do pai, o jovem decidiu estudar Direito. Mas, apesar de ter chegado a se formar, nunca exerceu a profissão de advogado.

Quando tinha cerca de vinte anos, foi acometido de sérios problemas respiratórios, que o incomodariam até o fim de sua vida. Por essa razão, e também movido pelo espírito de aventura, viajou pela Europa e pela América. Foi nesse momento que se profissionalizou como escritor, passando a colaborar em alguns jornais.

Aos trinta anos, apaixonou-se por Fanny Osbourne, uma americana divorciada, mãe de dois filhos e dez anos mais velha do que ele. Casaram-se e foram para a Califórnia, nos Estados Unidos, uma região de clima mais favorável à sua saúde precária. Em 1888, partiram para um longo cruzeiro pelo Pacífico e acabaram estabelecendo-se três anos depois em Samoa, onde Stevenson morreu em 1894, cercado pelo respeito e carinho dos nativos daquelas ilhas, os quais defendeu da prepotência dos brancos.

Leitor apaixonado dos romances de Walter Scott e de Samuel Coleridge e dos contos de terror de Edgard Allan Poe, muitas de suas obras (mais de 150) revelam a influência desses autores.

Stevenson já havia escrito vários livros, como *Viagem pelo interior*, *Viagens num jumento nas Cevenas* (relatos de suas viagens) e *Will do moinho* (que contém traços autobiográficos), antes de optar pela ficção, com a qual ganhou notoriedade, principalmente por causa de *A ilha do tesouro* (1883), que renovou a tradição do romance de aventuras.

*O médico e o monstro* (1886) nasceu de um pesadelo. A intenção do escritor escocês era compor uma simples história de terror. Porém sua mulher percebeu que o tema possibilitava uma visão aprofundada dos conflitos da alma humana. Assim, a obra acabou adquirindo um grande valor alegórico, ao evidenciar as forças do bem e do mal presentes em nossa natureza. Sem dúvida, é um exemplo da originalidade da narrativa de Stevenson, determinada pelo equilíbrio entre a extraordinária fantasia e o estilo claro e preciso.

## A história da porta

**A** pesar do jeito frio, seco e confuso ao falar, emitindo opiniões sempre retrógradas, do corpo comprido e magro, do ar sombrio e pouco atraente, Mr. Utterson, o advogado, sabia ser simpático. Severo consigo mesmo, reprimia o gosto pelos vinhos finos bebendo gim e, embora adorasse teatro, não punha os pés num há vinte anos. Mas, em relação aos outros, era tolerante. Admirava-se, às vezes quase com inveja, da compulsão que levava certas pessoas à prática de más ações. Os amigos podiam contar com ele em caso de aperto, pois aquele homem de cara amarrada, que nunca sorria, inclinava-se mais para a ajuda do que para a reprovação e preferia não fazer julgamentos. Suas afeições, como a hera, desenvolviam-se com o tempo, e prescindiam de cuidados especiais.

Uma coisa típica dos homens simples é aceitar que seu círculo social seja feito de gente da família ou conhecida há anos. Talvez isso explique a ligação curiosa do advogado com Mr. Richard Enfield, seu parente distante. Que um via no outro? Que interesses teriam em comum? Aqueles que os encontravam nas saídas dominicais garantiam que eles pouco se falavam, que pareciam até aborrecidos e bastava alguém surgir para que logo ficassem satisfeitos e aliviados.

Na verdade, os dois davam a maior importância aos passeios, considerando-os momentos preciosos da semana. Não apenas rejeitavam outra diversão, como chegavam a faltar a algumas obrigações.

Uma dessas caminhadas levou-os a uma rua pequena e calma de um bairro comercial de Londres. Os proprietários, todos prósperos, gastavam os lucros em obras de embelezamento, e as vitrinas das lojas, movimentadíssimas nos dias de semana, eram convidativas mesmo aos domingos, quando escondiam seus encantos. As portas recém-pintadas, os metais polidos e o aspecto

geral de limpeza e alegria atraíam e agradavam imediatamente.

Perto da esquina, à esquerda, a harmonia e o alinhamento rompiam-se com a entrada de uma estranha construção. Bem naquele lugar, uma casa sinistra projetava seu telhado sobre a rua. Tinha dois andares cegos, paredes descoloridas, e uma porta, descascada e cheia de bolhas, no térreo. Nenhuma campainha ou aldrava. Vagabundos deitavam-se no patamar, meninos conversavam nos degraus. Durante quase uma geração, no entanto, ninguém enxotou aqueles visitantes ocasionais e reparou seus estragos.

Mr. Enfield e o advogado andavam pela calçada oposta. Diante da construção, o primeiro ergueu a bengala e apontou:

– Já reparou naquela porta? – Notando que seu acompanhante respondesse afirmativamente, acrescentou: – Ela me lembra um caso curioso.

– É mesmo? – Mr. Utterson mudou brevemente de entonação. – Que caso?

“Vou contar. Eu vinha, no inverno, do fim do mundo, às três horas de uma escura madrugada. Era meu caminho passar por uma parte da cidade onde não se via literalmente nada, só os lampiões acesos, como numa procissão. Todos dormiam. Caí naquele estado de espírito de levar susto com o menor barulho, de ficar de orelha em pé e desejar, a qualquer preço, que aparecesse um policial. De repente, vi dois vultos: um sujeitinho que ia num passo apertado, em direção ao leste, e uma garotinha de uns oito ou dez anos, que ia chamar um médico para a família, e descia correndo, o quanto podia, uma rua transversal. Os dois chocaram-se na esquina. Aí vem o pior: o homem simplesmente pisou e pisoteou o corpo da menina, deixando-a no chão. Foi atroz. Aquilo era um monstro e não um homem. Dei um grito, e me apressei em agarrá-lo. Trouxe-o de volta ao lugar onde, a essas alturas, já havia pessoas ao redor da garota, que berrava. Tranquilo, o sujeito não ofereceu resistência, mas me lançou um olhar tão horrendo que suei frio. As pessoas eram parentes da menina, que tinha ficado mais assustada do que machucada – assegurou o médico, que chegou em seguida.